

COMANDOS

Director: COMANDANTE DO C.I.C.

ANO I — JANEIRO 1974 — N.º 10





TEMPO DE SAUDADE

Após algumas ausências provocadas unicamente por falta de material em arquivo, voltamos a inserir desta vez a habitual página «TEMPO DE SAUDADE».

A foto que acima reproduzimos mostra-nos o Grupo de Oficiais do VII Curso de Comandos, terminado em Fevereiro de 1967, avançando para a imposição de «crachats».

Compunham-no os então Capitães Oliveira Marques e Catarino Tavares (este encoberto na foto) e os Aspirantes que haviam de completar a 6.ª C. CMDS, formar a 8.ª C. CMDS e também completar a C.I. Eram eles Almeida Magalhães, Júlio Henrique Rodrigues, Luís Albino Rodrigues Alves, António Furtado de Castro (falecido no Norte integrado na 6.ª C. CMDS), António Augusto V. Pissarra, Cândido Borges da Cunha, Hernâni Paes Jorge, António Afonso Covacha, Júlio Peyroteo e Fernando Dias Amaral.

QUEREMOS IR MAIS ALÉM...

Deus quer, o homem sonha a obra nasce. Assim aconteceu com os «Comandos» Jornal da Unidade do Centro de Instrução de Comandos, criado desde há muito por camaradas que nesta casa devotadamente trabalharam, e reconhecido unanimemente como extraordinário meio de comunicação interna e difusão externa, teimou ao longo de vários anos em não se concretizar, já que outras solicitações, outros problemas, enfim outros assuntos mais elevados se sobrepunham.

Mas a nós, a quem coube a pesada responsabilidade de herdar tão nobre herança — continuar a obra gigantesca daqueles que nos antecederam — afigurou-se-nos que era chegada a hora de concretizar a grande aspiração e possuir um Jornal da Unidade. Mas um Jornal da Unidade autêntico, um Jornal à verdadeira dimensão dos «Comandos», que satisfizesse simultaneamente os seguintes imperativos: no capítulo interno fosse um órgão de formação, informação e recreação; no capítulo externo fosse um meio de informação, difusão e esclarecimento do que são os Comandos e da actividade que desenvolvem; finalmente que fosse um órgão de ligação permanente, efectiva e total com os Comandos na disponibilidade.

Arrojado o nosso propósito, sem dúvida, mas ao lançarmo-nos nele acreditámos nos Comandos, acreditámos em ti camarada, que no serviço activo, no Centro ou nas Companhias Operacionais desempenhas febril actividade; acreditámos em ti Camarada que noutra ponta do Território Nacional, lutando pela mesma causa ostentas a nossa insígnia; acreditámos em ti Camarada que na situação de disponibilidade, continuas a pertencer à nossa Unidade, e a integrar a nossa família e a fazer jus à divisa de que «uma vez Comando, Comando toda a vida».

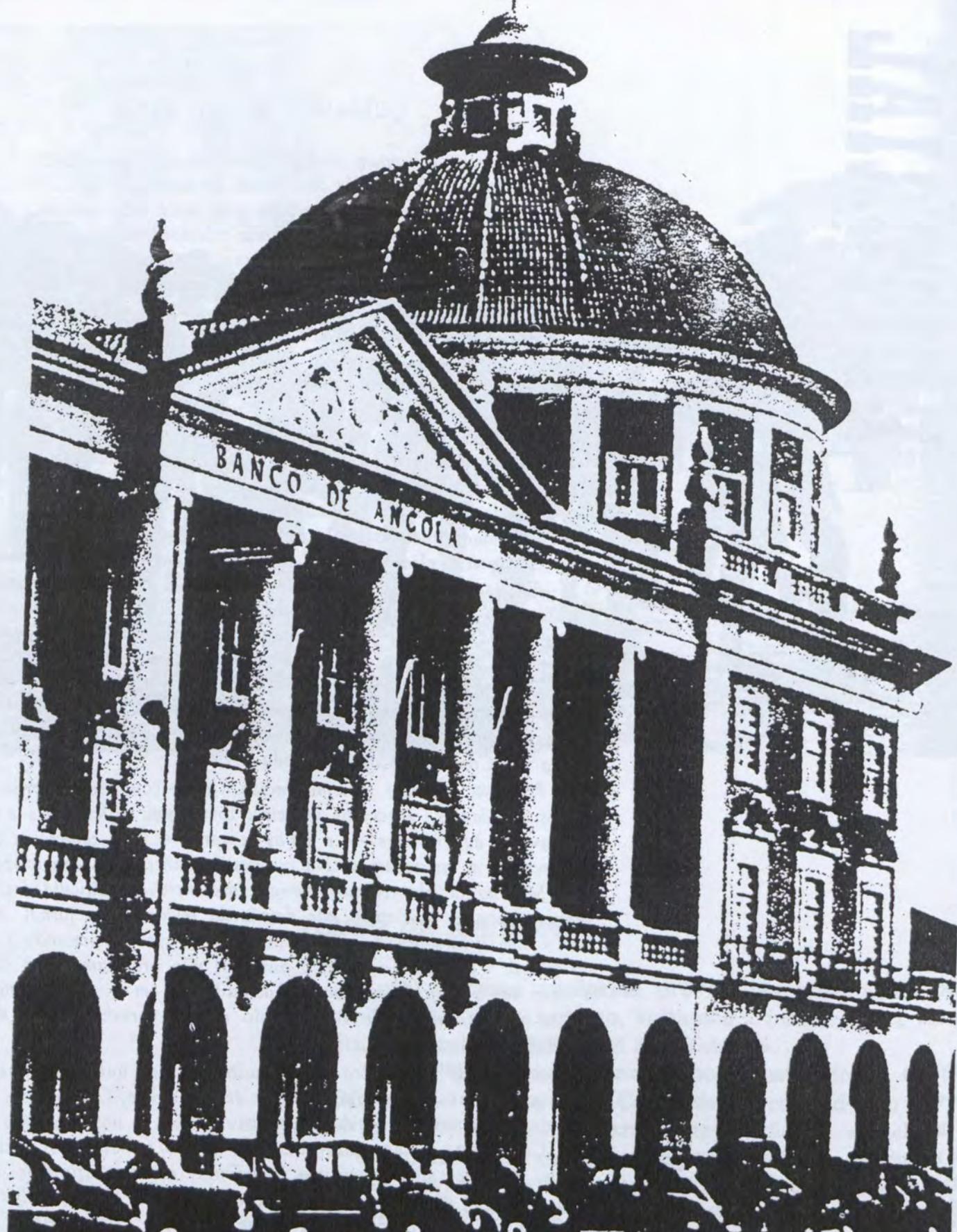
Por isso, por isso metemos mãos à obra como se dizer-se, transpusermos obstáculos, vencemos inércias, torneámos dificuldades e fechámos os ouvidos àqueles que — e há-os sempre — mais temerosos ou menos esclarecidos se opuseram activa ou passivamente a tal concretização.

Mas ao fazê-lo tivemos plena consciência das dificuldades, dos problemas imensos que estão por detrás da feitura dum jornal, e também das nossas limitações, e quando dizemos nossas referimo-nos à Redacção do Jornal. Contudo ousámos, e ousámos não propriamente à espera que a sorte nos protegesse mas porque acreditámos em ti. Acreditámos no teu valor, na tua capacidade e sobretudo no teu carinho e total devoção à causa Comando.

«COMANDOS» será pois aquilo que nós quisermos que ele seja, será aquilo que nós sejamos capazes de fazer dele, Comandos é em suma um desafio à nossa capacidade, ao nosso saber, ao nosso espírito de corpo.

Camarada, no despontar dum novo ano também nós fazemos projectos, estabelecemos propósitos, marcamos rumos, definimos objectivos. Queremos que «COMANDOS» seja um Jornal de Unidade diferente, que satisfaça em pleno os objectivos a que se propõe e que melhore cada vez mais até atingir o nível com que todos nós aspiramos, e tu, leitor, mereces. Para isso contamos com a tua crítica, a tua sugestão, a tua assinatura e sobretudo o teu artigo.

É este o nosso desafio, saibamos responder... saibamos ser... uma vez mais, Comandos.



BANCO DE ANGOLA

um simbolo de progresso

IMAGENS DO C.I.C.

PARABÉNS,
MEU COMANDANTE!

O nosso Comandante Coronel de Inf.ª «Comando» António Correia Dinis festejou a 21 do corrente mês mais um aniversário natalício, tendo uma representação de Oficiais, Sargentos e Praças do Centro assinalado a data com apresentação de cumprimentos e um brinde oferecido na Messe de Oficiais.

Parabéns, meu Comandante!

MAJOR OLIVEIRA MARQUES

Terminou a sua comissão de serviço neste Centro, o Major de Inf.ª «Comando» António Delfim de Oliveira Marques, que desde 1966 dedicou a sua actividade ao serviço dos «Comandos».

O Major Oliveira Marques continuará neste Estado em comissão civil no desempenho de importante cargo, para o qual lhe auguramos os melhores êxitos.

MAJOR OLIVEIRA

Vindo da Metrópole foi colocado neste Centro o Major de Inf.ª «Comando» Júlio Faria Ribeiro de Oliveira, que passou a desempenhar as funções de Director de Instrução em substituição do Capitão de Inf.ª «Comando» Rui Antunes Tomás.

Em nome de todo o pessoal do Centro de Instrução de Comandos endereçamos os melhores votos de boas-vindas.



ASSIM SE FAZ A HISTÓRIA

CASA BRANCA

A outra lista negra

Quando John Dean estava depondo perante o Comitê do Senado sobre Watergate, ele mencionou que a Casa Branca havia utilizado o Serviço do Imposto de Renda (IRS) para tentar pressionar as organizações radicais. Dean sabia do que estava falando: as atividades de bisbilhotice do IRS agigantaram-se sob o Governo Nixon.

Não que esse governo seja o primeiro a usar o IRS para propósitos partidários. Outros presidentes já pediram esporadicamente ao IRS para examinar as declarações de imposto de renda de certos oponentes políticos ou de qualquer pessoa que lhes tenha dado trabalho. Essas investigações, em geral, resultam em nada. Mas como em outras áreas da administração, o Governo Nixon exagerou na reação e na organização.

Time descobriu que um Grupo de Serviços Especiais do IRS, formado em 1969 a pedido da Casa Branca, organizou arquivos a respeito de 3.000 entidades e 8.000 pessoas nem todas radicais, apesar de a tendência dominante ser de esquerda. Embora muitas pessoas e organizações arroladas tivessem violações fiscais em suas fichas, outras estavam limpas. Um memorando dos círculos dirigentes do IRS afirma que "uma grande quantidade de material não foi avaliada".

As funções do Grupo de Serviços Especiais foram descritas num memorando de 12 de janeiro, escrito por John J. Flynn, comissário regional do Atlântico Norte, aos seus diretores subordinados. Acentuando que o Grupo trabalha intimamente ligado a outras agências investigativas federais, Flynn chama-o de "uma entidade central de coleta de inteligência dentro do IRS". O objetivo do grupo é "receber e analisar toda informação disponível sobre organizações e in-

filosofias extremistas — sejam de direita ou esquerda. Os suspeitos são incluídos "independentemente da filosofia ou da posição política envolvida". O que conta é a "notoriedade do indivíduo ou da organização".

O memorando prossegue dividindo os extremistas em duas categorias: os violentos e os chamados não-violentos. A primeira abarca aqueles que advogam e praticam a piromania, a explosão de bombas e a destruição de propriedades, assim como sequestradores, amotinadores em prisões e pessoas que ameaçam figuras do governo ou distribuem publicações a favor da revolução. A categoria não-violenta compreende aqueles que

UNIÃO SOVIÉTICA

Moscou contra Medvedev

Não desejando recorrer aos expurgos e execuções em massa da era de Stalin, autoridades soviéticas têm demitido dissidentes de seus empregos, enviando-os para campos de trabalho forçado e confinando-os a prisões psiquiátricas. Seu mais recente método parece ser uma espécie de exílio involuntário: as autoridades permitem que um dissidente viaje para o exterior e então cancelam seu passaporte. Na semana passada, depois de oito meses de pesquisa na Grã-Bretanha, Zhores Medvedev, especialista em genética e gerontologista de reputação internacional, foi chamado à embaixada soviética em Londres, onde seu passaporte foi revogado e lhe informaram que não era mais um cidadão soviético.

Medvedev tem sido há muito tempo um incômodo para as autoridades soviéticas. Seu primeiro pecado, em 1969, foi escrever *A Ascensão e Queda de T. D. Lysenko*, um relato sobre o cientista favorito de Stalin, um biólogo biruta que durante mais de duas décadas foi a

queimam seus cartões de identificação, participam em manifestações de 1.º de Maio, organizam e comparecem a festivais de rock que atraem jovens e náufragos", viajam para Cuba, Argélia e Estônia do Norte, ou "ajudam a financiar a venda de armas de fogo ao Exército Republicano Irlandês e aos terroristas árabes". E escreve Flynn: "Há evidências em documentos classificados sobre as transferências de grandes quantias de dinheiro dos — ou para os — Estados Unidos estão sendo usadas para estabelecer e organizar grupos com o objetivo de derrubar este governo."

O memorando conclui que "a magnitude e o potencial do Grupo são ilimitados". Mas não há evidência, até agora, de que se tenha feito uso extensivo do Grupo de Serviços Especiais.

nética na Rússia. Seu segundo pecado, em 1971, foi escrever *Os Papéis de Medvedev*, uma narrativa sobre a censura soviética e a repressão aos intelectuais. Nenhum dos livros foi publicado na URSS, mas as autoridades soviéticas ficaram tão furiosas com sua publicação no Ocidente que acabaram confinando Medvedev a um asilo de loucos, sob a alegação de que ele tinha uma "personalidade dividida, expressa na necessidade de combinar trabalho científico com atividades editoriais".

O protesto foi tão embaraçoso, não só no Ocidente como na própria Rússia, que Medvedev foi libertado do asilo 19 dias depois. Seu último conflito com o governo soviético pode ter sido provocado por seus planos de publicar um "tributo factual" a Soljenitzin, intitulado *Dez Anos Depois de um Dia na Vida de Ivan Denisovich*. Trata-se de uma crônica da ascensão do novelista para a fama e sua posterior perseguição por autoridades soviéticas depois que ele publicou

Eles podem ser punidos?

O presidente não está acima da lei. Ele está sujeito a ser processado e punido pelas leis ordinárias, pelos crimes que tenha cometido, mas somente depois de ter sido impedido, destituído e removido de suas funções.

Assim raciocinaram os advogados do Presidente Nixon na semana passada, asseverando que o chefe do Poder Executivo não precisa dar ao procurador especial Archibald Cox as gravações das con-

versações realizadas na Casa Branca, ainda que contenham provas de um crime. Esse argumento, juntamente com a revelação de que o Vice-Presidente Agnew estava sendo objeto de investigação por um grande júri, sob a acusação de suborno, extorsão e maquinações ilegais, levou os peritos em questões judiciais a debaterem duas questões: ① É válido o argumento de que o presidente é imune a um processo judicial? ② Se assim é, tal imunidade se estende também a Agnew?

Nenhum presidente dos Estados Unidos chegou jamais à extrema posição de precisar alegar imunidade, mas, como observa o professor de Direito de Chicago, Philip Kurland, nenhum antes de Nixon se defrontou com a perspectiva de ser criminalmente processado. Nem a Constituição se ocupa especificamente com essa questão. Apesar disso, vários peritos entrevistados por *Time* acreditam que os advogados presidenciais estão pisando em terreno firme. Explica o Professor Alexander M. Bickel, da Universidade de Yale: "O presidente personifica a continuidade do estado.



com nova fórmula

VEJA
NO MANÔMETRO
DO ÓLEO
A GRANDE DIFERENÇA
DO NOVO
Mobiloil super

Com o prego a fundo durante 200 Km, uma olhadela ao manômetro... Pedalou! Com o novo MOBILLOIL SUPER acabaram-se as baixas de pressão. A sua viscosidade e o seu poder lubrificante mantêm-se adaptados a todos os esforços, mesmo prolongados. Tacho e biqueira a 5.000 r.p.m. numa estrada de montanha. O óleo MOBILLOIL SUPER opõe ao desgaste a sua excepcional resistência. MOBILLOIL SUPER é o óleo dos esforços repetidos.

O novo MOBILLOIL SUPER é garantia de máxima protecção em todas as condições de condução. Com o seu aditivo especial aumentador do índice de viscosidade (VI Improver), é produzido para as condições particulares de condução em Angola, dando ao seu automóvel, a máxima protecção. MOBILLOIL SUPER excede todas as recomendações dos fabricantes de automóveis. Use MOBILLOIL SUPER na próxima vez e veja pelo manômetro a sua diferença.

o seu carro precisa



Mobiloil
super
com nova fórmula

FAZENDA CUERAMA, S.A.R.L. PECUÁRIA

CAIXA POSTAL, 1378

LUANDA



AGÊNCIA DE VIAGENS UNIÃO

União Imobiliária e Comercial S.A.R.L.

Unimol

(FUNDADA 1933)

EXCURSÕES INTERNACIONAIS DE TURISMO • EXCURSÕES EM ANGOLA EM CARROS E AUTOCARROS PRIVATIVOS, CARROS DE ALUGUER SEM CONDUTOR • CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO, SEGUROS, SAFARIS FOTOGRAFICOS DE GACA E PISCAS

AV. PAULO DIAS DE NOVAIS, 33 - P. O. 90X / C. P. 6524 - TELEG. «UMMOBI» - TELEFONE: 72131-72467-72952 - TELEX-3174 UNIMOB1-AN - LUANDA - ANGOLA



DE



PARA TODO O



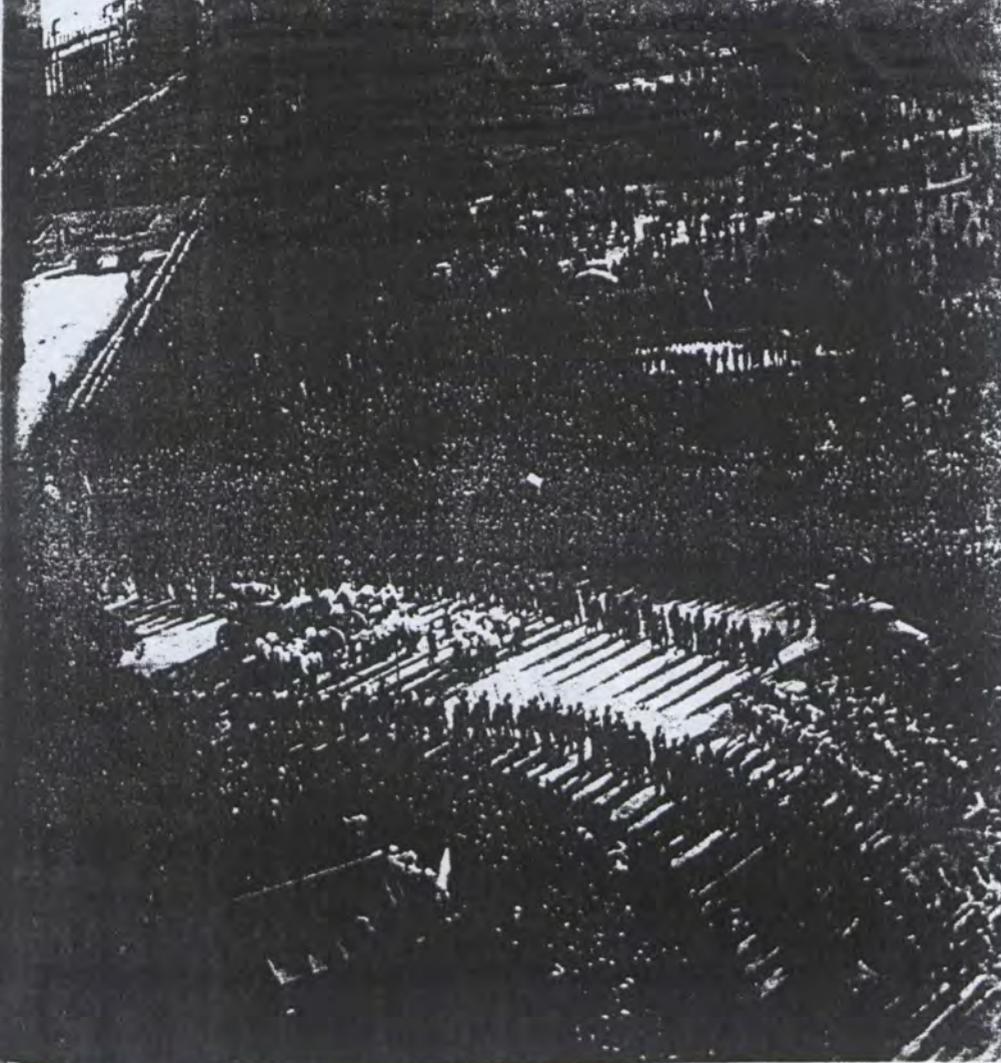
DE TODO O



PARA



PERÓN A LONGA VIAGEM DE VOLTA



a preferida de toda a ninhada, alimenta somente um sonho: tornar-se vedeta de cinema, como a fais-cante e patética Jean Harlow, que magnetiza as massas e que ela imita ao ponto de tingir seus longos cabelos de loiro.

Ela é agressiva, seca, arrogante

Maria Eva possui uma tal vontade e uma tal obstinação que fica mais surpreendida do que escandalizada ao se ver recusada por todos os estúdios. Na verdade, seu rosto é muito duro. Olhar agressivo, boca crispada, um jeito arrogante. Ela é seca. É também excessiva: berra suas tiradas, nos testes cinematográficos, cospe as respostas, erra todas as entradas em cena. É então reduzida a cantarolar e a tocar violão, em meio à indiferença geral, nas boates *La Porte d'or*, *Le Gong*, *Ce Soir* ou *L'Ambassade*. Uma tentativa para conquistar Hollywood — com viagem paga por mamãe Duarte — acaba em derrota cruel. O rádio lhe opõe igualmente um muro, quando ela se candidata aos papéis de Maria Stuart, de Maria Antonieta e Isabel, a católica.

Todos seus sonhos desmoronam. Eva se vê até barrada das boates. Deve renunciar à carreira artística. Acaba finalmente como secretária do popular diretor da Rádio Belgrano, Haim Yankélewitch, o qual para se desembaraçar o mais cedo possível de uma presença que se revela muito irritante, lhe confia um programa noturno chamado *Os cinco minutos do povo*.

Eva não se deixa abater, nem psicológica nem moralmente. Sua reação é única e linear: uma rai-va incomensurável. Tudo se passa como se ela começasse a detestar todos os grandes privilegiados da

Evita lutou corajosamente contra o câncer. Dizia: "É muito sofrimento para uma mulher tão pequena". Seu enterro foi monumental.

Fim da primeira parte. A segunda parte começa em 7 de maio de 1919, quando nasce a quinta criança ilegítima de um fazendeiro alcoólatra de Chivilcoy, a 250 km de Buenos Aires, Juan Duarte, e de sua empregada Juana Iburguren, uma basca rude e atormentada que não tarda em impor sua lei sobre todo o domínio, até se fazer esposar pelo seu senhor. É uma menina, chamada Maria Eva. Sua infância é miserável, porque o álcool

logo abate o bêbado, e o rancho é vendido para pagar as dívidas. As cinco crianças andam vestidas de trapos. Mas a viúva Duarte tem uma vontade diabólica: não se deixar reduzir à mendicância. Vai para a cidade vizinha, Los Toldos, onde abre uma espécie de café-restaurant.

A poder de bem cozinhar, de vender robustas bebidas e de promover festas, chama a atenção de todos os oficiais da guarnição, assim como a de todos os funcionários solteiros. Logo progride. Pode até mesmo dar uma certa instrução a seu filho, o indolente Juanito, e consegue casar confortavelmente duas de suas filhas. Quanto a Eva,

Andar de motocicleta: a paixão que nunca abandonou.

terra. Não lhes perdoará jamais suas derrotas. Ei-la mergulhando com deleite em *banhos de povo*, exprimindo mais uma maneira de se vingar do que de se misturar aos cheiros gordurosos das tavernas do porto. Ei-la se atirando ao microfone, contra todos os privilegiados, contra todos os *inimigos de classe* e celebrando como uma profetisa os deveres que se impõem para servir o bom povo ou os méritos reconhecidos nos homens que sabem servi-lo.

Evita: "a madona dos descamisados"

Em alguns meses a implacável amazona da Rádio Belgrano se torna uma heroína popular. A glória lhe chega no momento em que não era mais esperada. Eva Duarte, *a madona dos pobres*, se transforma numa espécie de lenda antes mesmo de o ter merecido da História.

Aqui começa a terceira parte: a do casal. Que se forma pela fatalidade. Ele, à frente da Casa do Trabalho, realiza com inteligência um programa social considerado de vanguarda, para a época e, sobretudo, para um país como a Argentina de então. Ela, com sua *Emissão do Trabalho*, com todo seu mau humor, o seu fogo, como se desempenhasse uma missão de Deus, dá aos pobres, aos "descamisados", uma formidável consciência de sua unidade e de sua força. Um dia ela tem a idéia de elogiar a coragem do ministro do Trabalho, que se revela tão eficaz, e a união dos dois destinos se torna inevitável.

Como ela ignora a moderação, faz em alguns meses do ministro um ídolo. As palavras flamejam. O incenso inunda todo o país. Assim nasce na Argentina um novo deus: pela magia da voz de uma sacerdotisa



que tem o gênio de fazer os ouvintes participarem dos seus êxtases. Os dois se encontram, passeiam juntos pelos cafês e pelos bares das pontes. Ele não a pode introduzir nos salões? Isso não importa. Ela leva Perón ao povo ao mesmo tempo em que, na rádio, leva o povo a Perón. Os dois estão em todas as festas e todas as feiras populares. Eva deixa então seu quarto sombrio na *Boca* e muda-se para a rua Posadas, para uma rica casa mobiliada onde ocupa o estúdio A. Perón ocupa o estúdio B. Um casamento em boa e devida forma se segue, civil em 21 de outubro de 1945, religioso em 2 de dezembro, seguido de um banquete onde são convidados somente membros de sindicatos.

Os caricaturistas e os cançonetistas aproveitam intensamente a oportunidade, evocando o casamento do

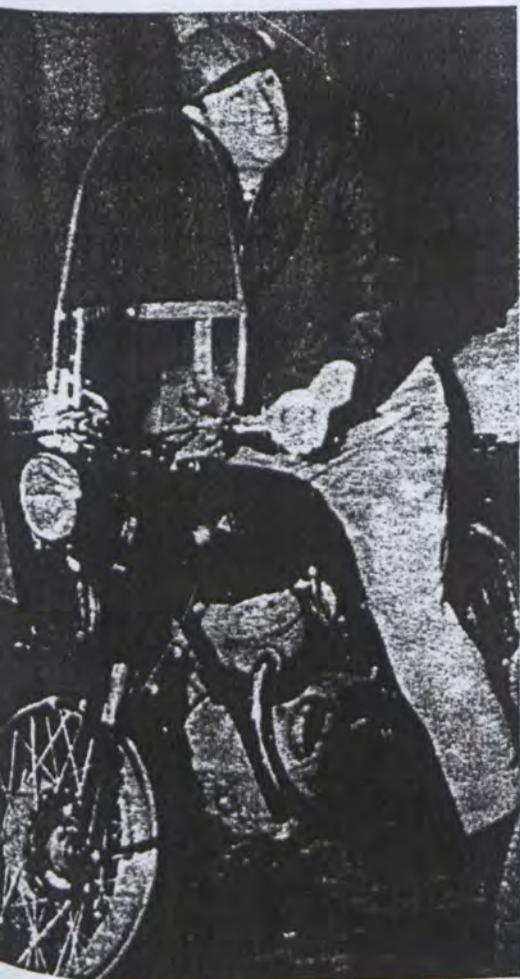
Perón e Isabelita, sua terceira mulher, no "exílio dourado", em Madri, enquanto o prestígio do ditador renascia na Argentina.

pavão e da ave de rapina. De fato, trata-se de uma das mais curiosas uniões que se possa imaginar: ele todo redondo, pesado, calmo, cordial, sedutor com suas costeletas grisalhas. Ela fina, pálida, mercurial, símbolo da agitação perpétua. Quaisquer que sejam as zombarias, porém, um formidável casal está pronto para tomar o poder. A única imagem que convém é aquela da águia de duas cabeças, "Perón cumpre", "Evita dignifica", Perón realiza, Evita dignifica, já proclamada pelo povo em suas litânias. Perón, em 1944, quando o general Farrell força a abdicação do general Ramirez, já se tornara ministro da Defesa Nacional e vice-presidente

te da República. Poucos obstáculos ainda restam no seu caminho. "Nós sabemos melhorar a espécie bovina; saberemos melhorar a espécie humana" — proclamam os dois. Em vão, os rivais do coronel organizam um golpe, prendem e internam o popularíssimo vice-presidente, o qual por mais espetaculares que tenham sido as suas promoções, jamais abandonou o Ministério do Trabalho. Imediatamente, mobilizados às dezenas de milhar pelos apelos de Evita, os descamisados protestam. O Exército tem de libertar o ídolo.

Na mesma época, uma nova Constituição entra em vigor, com eleições pela primeira vez em todo o país. As chances para a tomada do poder não poderiam ser melhores. O coronel se candidata à presidên-

A paixão pelas motocicletas é uma constante na vida de Perón. Era só o que fazia, nos jardins do palácio, quando Evita morreu.



cia e organiza com sua mulher uma campanha agressiva, dirigida contra o gringo da América do Norte, tendo por principais temas a independência argentina, a independência latino-americana e a primazia das conquistas sociais.

O movimento é irresistível, o triunfo inevitável.

O jovem aplicado é agora como um rei. O mais estranho é que tudo se passa como se ganhassem a dois: Evita organiza o seu próprio poder, que não pretende, no momento, ultrapassar o legal. O casal vive familiarmente apenas à noite.

Um poder oficial e um poder oculto

No resto do tempo, as duas existências são geograficamente separadas, mesmo se permanecem politicamente paralelas: Perón dispõe de um gigantesco escritório do tipo mussoliniano, numa antiga sala de jantar da Casa Rosada, iluminada por vastas janelas dando para o parque; Evita trabalha no quarto andar do Correio Central de Buenos Aires, num quarto frio, com móveis de metal. Os inimigos podem, assim, comentar que se Perón e Evita governam um com o outro, acontece também de governarem um contra o outro. E as críticas e pedidos se dirigem mais ao poder oculto do que ao poder oficial.

O peronismo registra, a princípio, somente sucessos. Favorecido pela conjuntura interior e exterior, todo o universo parece vir abastecer-se de carne nos portos argentinos. Somente em 1945, o excedente da balança comercial se eleva a 1671 milhões de pesos. O ministro das Finanças, Miguel Miranda, compra sem discutir preço as companhias de estrada de ferro que pertencem aos ingleses e aos franceses; faz o mesmo com a companhia de gás e União Telefônica do Rio da Prata, pertencentes ao truste americano

Bell; nacionaliza o Banco Central para melhor orientar o crédito. A velha Argentina feudal, católica, romântica e colonial, aspira à ser uma Argentina industrial, esportiva, realista, popular e nitidamente menos católica do que o Brasil ou o Peru. Em política internacional, tudo também é favorável. A Argentina consegue estabelecer uma neutralidade harmoniosa entre Estados Unidos e União Soviética, faz esquecer a velha amizade de Perón com hitleristas e fascistas. Evita pode até mesmo organizar uma viagem de prestígio à velha Europa. Voltando à Argentina, faz-se festejar como uma triunfadora.

As dificuldades, porém, não vão tardar. De repente, o céu do peronismo começa a escurecer. Violentas disputas estouram com a Igreja, quando o regime pretende se apropriar da educação da juventude. Os grandes proprietários erguem a cabeça. Impaciências se manifestam no Exército. Depois, toda a economia ameaça ruir. As exportações são suspensas. A balança comercial torna-se deficitária. As reservas de divisas diminuem.

É preciso emprestar, em 1950, 125 milhões de dólares dos Estados Unidos: fim da política de independência. É preciso bloquear os salários: fim do prazer de agradar. A confiança do Exército se retrai. É preciso dominar pela força uma greve de ferroviários.

Se, nas eleições de 1951, quando as mulheres usam pela primeira vez o direito de voto, Perón é ainda brilhantemente eleito, com 67% dos sufrágios, Evita não é aceita como candidata à vice-presidência e tem de recuar diante das imposições do Exército. O regime agoniza. Além do mais, a fada dos descamisados fica doente: câncer. Os melhores especialistas são chamados, como Georges Pack, do Memorial Hospital, dos Estados Unidos — supremo vexame de se confiar aos cuidados de um gringo.

Atleta, detesta briga. Soldado, teme a violência.

Evita luta inutilmente. Está tão convencida de poder melhorar que, nos seus últimos dias, manda ainda comprar vestidos de Dior e de Fath, que ela faz experimentar nas suas criadas. Aparece pela última vez em público em 4 de junho de 1952, frágil e devastada no seu vison: — Eu sou muito pequena para tanto sofrimento...

Um milhão de pessoas beijam o caixão

Pronuncia seus agradecimentos em voz muito baixa, quando lhe dizem que 3500 igrejas argentinas rezam por ela, que a CGT organiza, pelo seu restabelecimento, uma grandiosa missa ao ar livre, e que a Câmara votou créditos excepcionais para levantar uma estátua em sua honra em todas as grandes cidades do país. E se apaga no dia 26 de julho, não sem ter manifestado, contra os últimos assaltos do mal, uma valentia extraordinária. Soberana alguma jamais teve direito a tais funerais. Perto de 1 milhão de pessoas vem depositar um beijo sobre o vidro do caixão em que ela é exposta 15 dias e onde repousa em vestido de noite, as mãos fechadas sobre um buquê de flores, decorada com um colar do Libertador, com 753 pedras preciosas. Os ministros montam guarda, revezando-se cada duas horas. A CGT declara um mês de luto. Toda a Argentina parece comparecer quando desfila o cortejo fúnebre, ao ritmo da música dos cadetes. Os uniformes dos soldados fulguram ao longo do cordão formado na avenida de Mayo. Os oficiais saúdam.

A massa soluça. É como a partida de uma deusa. E, também, como os funerais do regime. Perón mantém-se no poder somente mais três



E a quarta parte: história de um vencido. Ele mesmo dá a impressão de não crer mais em sua estrela. Trabalha cada vez menos. Faz mil vezes a volta de seus parques, montado em sua moto, ainda sua única loucura. Passa longas horas em San Vicente, que colocou à disposição das meninas das escolas secundárias. Vangloria-se pelos caprichos da adorável juventude de Nelly Rivas, filha de um operário de uma refinaria de açúcar e de uma zeladora do bairro de San Talmo, à qual ele dá os dois cachorros de Evita, Monito e Tinolita. Seus amigos dominam dificilmente um primeiro sério golpe de estado, em 16 de junho de 1955. Em 16 de setembro estoura a guerra civil. Diversas guarnições da província se revoltam: Curuzu-Cuatia, Santa Fé, Eva Perón, Puerto Santiago. O general Aramburu, que conduz a revolta, anuncia de Córdoba a organização de uma junta provisória fixando por objetivo principal "devolver a liberdade à Argentina." Perón é um homem acabado — título do *New York Times*. O último golpe lhe é dado quando a

Aplaudido por dignitários, Perón fala aos "descamisados". À esquerda, Hector Câmpora, presidente eleito da Argentina.

Marinha, com o contra-almirante Rojas, adere aos revoltosos. No dia 19 de setembro, Juan Domingo Perón pede demissão, colocando todos seus poderes nas mãos dos generais. E parte para o exílio. Os peronistas passam a ocupar o lugar dos antiperonistas nas prisões. A Argentina, porém, não encontra um novo equilíbrio. Durante anos, após a derrota de Perón, ela se debate em dificuldades políticas, econômicas e sociais que parecem sem solução. Os generais não conseguem chegar a uma fórmula estável. Depois de 1960, o neoperonismo se manifesta. Os peronistas registram sucessos cada vez mais nítidos em todas as eleições. E o peronismo se fixa de novo como a expressão da nostalgia das massas operárias urbanas, ao mesmo tempo que atrai setores cada vez mais importantes das classes médias, urbanas e rurais. Em política não há derrotas defi-

Perón condecora Evita. O "poder oficial" prestigiando o "poder de fato". À esquerda, Hector Cámpora, presidente eleito da Argentina.



nitivas. Os exemplos recentes de De Gaulle (afastado do poder durante 15 anos e, depois, chamado para salvar a pátria, uma segunda vez, na crise da Argélia) e de Richard Nixon (batido em duas eleições sucessivas antes de chegar à Casa Branca) são provas disso. Já se tornou um hábito chamar esses períodos de eclipse de travessias do deserto. A travessia do deserto de Juan Domingo Perón durou 18 anos. Beneficiado pelo distanciamento, no seu exílio dourado em Madri, o velho ditador — ausente dos problemas da Argentina — viu seu prestígio renascer, enquanto os governantes que o sucederam se desgastavam. Também Getúlio Var-

gas, quando se isolou na sua fazenda de Itu, depois de derrubado o Estado Novo, se beneficiou de um processo semelhante: sem as responsabilidades do poder e sem ter de enfrentar as conseqüências

negativas de seus próprios atos, acabou tendo a sua imagem purificada perante as massas, que passaram a cultivar uma lembrança quase mitológica de um passado expurgado do que teve de mau e preservado apenas nos seus aspectos positivos. Getúlio voltou mais depressa do que Perón, somente para ser tragado por uma série de crises geradas, basicamente, pelo anacronismo da sua visão política e dos seus métodos administrativos. A História não volta atrás, por mais forte que seja a nostalgia passadista das multidões aflitas pelas tensões do presente. Será diferente o destino de Perón? O presidente eleito da Argentina, Hector Cámpora, já cunhou um slogan: "Cámpora no governo, Perón no poder". Eco distante de "Perón realiza, Evita dignifica". Haverá condições, hoje, para uma retomada do velho estilo peronista? O peronismo, agora com um mandato popular para governar, e privado das facilidades de simplesmente contestar, conduzirá a Argentina à terra prometida, após a longa travessia do deserto de Juan Domingo Perón?

Texto de Arthur Conte



O general Góes Monteiro, do Brasil, condecora Evita em Buenos Aires. À esquerda, Hector Cámpora, presidente eleito da Argentina.

IMAGENS DO MUNDO

Com texto e fotos da "MANCHETE"



Gillian Duxbury

não tira o olho do calendário. Gostando de viver apenas em locais ensolarados, ela persegue o astro rei pelas mais diversas partes do mundo. A última vez em que foi vista, Gillian andava pelo Marrocos, naturalmente sem véus. Espera-se que, em dezembro, ela descubra o Rio



Sempre que

lhe sobra tempo, a modelo e atriz Irene Dunford entra no seu aqualung e desce às profundezas do oceano. Lá, com extrema agilidade, Irene insinua-se por entre as algas e pega todos os peixes que lhe passem pela frente. É um hobby e tanto. Mas atualmente, Irene está submersa mesmo e em trabalho. E em terra, firme, enxada, ela também é extremamente full

EU SOU FILHO DO HOMEM DAS PLANÍCIES

«O meu pai é mesmo formidável. É o melhor de todos os «cow-boys», diz Kyle, 5 anos, filho de Clint Eastwood, 42 anos, taciturno, herói dos «westerns» de Sergio Leone que acaba de destronar John Wayne. «Papá é o melhor atirador do mundo e quando for grande como ele (1m93), serei também um homem das planícies.



Estes

australianos são realmente muito estranhos. Vivem se queixando de falta de mulheres e, na hora H, deixam-nas escapar. Michelle Ivan-Zadeh, atualmente na Inglaterra botando pra derreter, reclamou: "Na Austrália, faltam homens." Quem é que entende?



GRANDE PRÉMIO DA ARGENTINA DE FÓRMULA

A VERDADE SOBRE

FITTIPALDI

Sabotagem e azar. Por isso é que Emerson Fittipaldi perdeu o Grande Prémio de Buenos Aires. À partida, ele saiu em terceiro lugar atrás de Ronnie Peterson e Carlos Reutemann. Duas voltas depois parou no boxe, e os mecânicos constataram que um cabo de vela estava solto. Retornou logo depois, mas já em último no final da corrida, o chefe da equipe McLaren — Teddy Meyer — segredou-lhe:

— Esse fio jamais se soltaria sozinho.

E denunciou:

— Alguém o puxou na hora da partida.

Emerson concordou, embora não comentasse. E ficaram — os dois — especulando durante um bom tempo, sobre quem teria cometido o crime.

Os principais suspeitos foram os auxiliares de pista embora ninguém explicasse como teria sido possível, sem que os mecânicos da Marlboro-Texaco vissem.

Cinco ou seis voltas depois, o motor da McLaren parou, sem mais nem menos. Emerson levou o carro para o miolo da pista, no lado oposto das tribunas, soltou o cinto de segurança, mas, logo a seguir, reparou que, e inadvertidamente, desligara o botão de contacto, ao lado do volante. Reativou a máquina, mas teve que ir ao boxe outra vez, para recolocar o cinturão.

— Eu não era louco para correr assim, sem nenhuma protecção.

Teóricamente ele perdeu o primeiro Grand Prix de Fórmula-1 do ano por causa des-

sas três paragens. Peterson, que saíra à frente, teve problemas mecânicos e acabou em décimo lugar. Reutemann, que liderou a prova até à última volta, não ganhou por causa de um defeito na refrigeração do motor, esgotando a gasolina antes da chegada. É válido pensar então que, em condições normais, Fittipaldi poderia vencer. Tanto que a McLaren de Denny Hulme, que saiu em quarto, acabou como vencedora.

De qualquer forma, foi um senhor Grand Prix, com Perón, Isabelita e tudo. Uma competição digna de um autódromo como o de Buenos Aires, que é quase supersónico, mas seguro. A média dos vencedores foi de 190 quilómetros por hora, o que reduz um avião teco-teco à



expressão mais simples. Mas essa alta rotatividade explica-se pelo desenho da pista. A recta em frente à tribuna oficial é feita a 245 quilómetros. Logo após há uma curva aberta, onde os pilotos reduzem da quinta para a quarta velocidade, para logo voltar à quinta e alcançar os 210 quilómetros.

Depois dela, há uma mais fechada, para 200 quilómetros. A única curva lenta fica um pouco antes da chegada: 100 quilómetros horários. Nela, os carros mudam da quarta para a segunda e da segunda para a quarta velocidade, com uma precisão que só os campeões têm.

Para os especialistas em corridas, porém a temporada dirige-se para o outro rumo: Acham que, sem Jackie Stew-

art e François Cévert, o campeonato de Fórmula-1 ficou reduzido a uns poucos clássicos: Hulme, Hunt, Revson, Reuteman, Hill e Fittipaldi. Fora esses, vêm nos outros nada mais que **rompe-máquinas**. E a maioria ainda vota em Fittipaldi.

Por outro lado o Clube dos Pilotos está meio desarvorado. Hulme é o presidente, mas já não impõe o respeito que havia nos tempos de Jackie Stewart. Chega a ser, até uma espécie de conflito de gerações. Os garotos não levando muito a sério a **velha guarda**, que tem no próprio Hulme e em Graham Hill os seus últimos exemplares. Nesse sentido Emerson Fittipaldi funciona como uma espécie de poder moderador. É comunicativo, diplomático e

acima de tudo, um jovem ex-campeão. Todos o respeitam. Mas a verdade é que alguém terá que controlar o **entusiasmo** da rapaziada, antes que a Fórmula-1 seja considerada pela constante presença da morte. Foi um milagre a sua ausência na Argentina.

Clay Regazzoni, por exemplo, explicou assim as duas **rodadas** que deu, quase provocando uma tragédia!

— É isso mesmo. Estou aqui para ganhar. E se há alguém na frente impedindo, tenho que combatê-lo de qualquer maneira.



CAIXA POSTAL, 156
TELEFONE, 22302
LUANDA — ANGOLA

**PRESENÇA EM TODA
A ANGOLA DURANTE
AS 24 HORAS
DE CADA DIA**

ESCUTE-NOS EM:

ONDA MÉDIA — 944 KHZ 317 m.

ONDA CURTA — 90 m 3359 KHZ - 60 m 4985 KHZ - 40 m 7215 KHZ

FREQUÊNCIA MODULADA — 97.5 MHZ

PARIS EM LUANDA

...O MÁXIMO EM CLASSE PARA O HOMEM DE CLASSE...

PRODUTOS: AYER, LANVIN, REVILLON, RIVA, WIEN,
CARON, JOHNSON

...O MÁXIMO EM CLASSE PARA A MULHER DE CLASSE...

COM ESTETICISTA HARIET HUBBARD AYER

Largo Serpa Pinto, 1
(Perto do Kate-Kero)

WILHELM ROENTGEN

Texto de R. MAGALHAES JÚNIOR



O físico WILHELM KONRAD
ROENTGEN

O
pioneiro
dos
raios X

A descoberta dos raios X, assim denominados por estarem ainda cercados de mistério (a letra X designa, na Matemática, as incógnitas, ou quantidades desconhecidas), deu à Medicina uma das suas armas mais poderosas e representou sem dúvida, uma das maiores contribuições do século dezanove à moderna tecnologia. Essa descoberta do físico germânico Wilhelm Konrad Roentgen foi, como tantas outras fruto de um feliz acaso, que não escapou a uma inteligência alerta e a uma excepcional capacidade de observação. Por essa extraordinária contribuição científica, Roentgen, foi laureado, em 1902, com o Prémio Nobel de Física.

Nascido em Lennep, a 27 de Março de 1845, Roentgen iniciou os seus estudos na Holanda, indo depois cursar o Instituto Politécnico da Universidade de Zurique, na Suíça. Dedicando-se ao magistério, como professor de Física, leccionou a partir de 1876 na Universidade de Estrasburgo, na Alsácia, que se achava desde 1870 sob a bandeira alemã; e, depois, em Giessen, em 1879; em Wurzburg, em 1888; e, por fim, na Universidade de Munique, de 1900 a 1920. Como professor, não se limitava à teoria. Levava os alunos para os laboratórios, familiarizando-os com as pesquisas científicas em que se achava vivamente empenhado. No Outono de 1895, no seu laboratório de Wurzburg, dedicou-se com afinco a experiências com raios catódicos. Queria testar ao mesmo tempo as teorias do famoso físico inglês Michael Faraday, desaparecido em 1867, e que deixava um grande nome, com as suas leis de electrólise, e do seu continuador, o também inglês William Crooks, sobre os efeitos das descargas eléctricas produzidas numa válvula a vácuo.

No dia 8 de Novembro de 1895, Roentgen pusera em funcionamento uma bobina de indução, ligada a uma válvula de descarga coberta com um papel preto. Era tarde da noite e a sala estava precariamente iluminada. Mas, de repente, Roentgen notou uma luz intensa e esverdeada, que parecia provir de um pedaço de papelão que ele usara numa das suas experiências. Esse papelão fora pintado com uma composição de bário platinocianídrico substância química brilhante, ou fluorescente, sobre a qual a misteriosa luz incidia. De onde vinha brilho tão singular? Foi essa a primeira pergunta que ocorreu ao espírito do pesquisador.

Roentgen imediatamente desligou a bobina de indução e instantaneamente a luz esverdeada se apagou, reaparecendo, porém, assim que ele a ligou de novo. Roentgen percebeu que estava diante de um fenómeno inteiramente novo e desconhecido. Ampliando as suas investigações, descobriu que tal luminosidade vinha da válvula de descarga e de nenhuma outra fonte. Parecia-lhe que descobrira uma nova forma de radiação e, por isso, deu a tal efeito o nome de raios X. Não apenas os raios atravessavam o papel negro, mas ainda, como verificou o físico germânico, atravessavam as cartas de um baralho e a sua própria mão, que o segurava. Não podia haver dúvidas de que descobrira uma espécie de radiação que atravessava os corpos sólidos. Quando, porém, colocou apenas a sua própria mão entre a válvula de descarga e o papelão fluorescente, pôde observar que os raios não somente a atravessavam mas ainda projectavam a sombra dos seus ossos, de forma perfeitamente visível. Era um resultado surpreendente e não poderia deixar de causar grande excitação em todo o mundo. A aplicação dos novos raios na Medicina, para atender às

necessidades cirúrgicas, foi imediatamente compreendida. Assim que começou a ser fabricada a aparelhagem necessária, os médicos começaram a pedir a ajuda dos físicos, ou radiologistas, para descobrir corpos estranhos (balas, etc.) e esboçados. Assim, a ortopedia foi o primeiro ramo da Medicina a beneficiar-se dos Raios X. Desde então tornou-se muito raro alguém ficar com dor resultante de fracturas internas. Com as técnicas foram-se aprimorando e os raios passaram a ser usados com êxito no diagnóstico de várias doenças, especialmente no da tuberculose, câncer, cálculos biliares, etc. A radiografia passou a ser usada habitualmente pelos dentistas para o estudo das arcadas dentárias dos seus pacientes, descoberta de tumores, dentes inclusos e anomalias. Para o exame das vísceras dos pacientes, os médicos em geral lhes ministram um líquido, opaco, usualmente sulfato de bário, que dá o melhor contraste às radiografias. Além da utilização de chapas radiográficas, os doentes podem ser examinados directamente através de uma tela. É a conhecida-se o nome de radioscopia.

De início, os raios X eram utilizados exclusivamente na Medicina. Mas, com o tempo, passaram a ser usados também com finalidade industrial. Uma barra de metal, ou a armação de um avião, ou uma viga metálica de um edifício ou de uma ponte, ou um gerador de electricidade, pode conter no interior uma falha ou rachadura, que comprometa a sua segurança. E se isso escapa à observação directa, pode ser facilmente descoberto com a aplicação dos raios X. Até as fibras imperfeitas de pneumáticos fabricados com borracha sintética podem ser eliminadas graças a esse prodigioso invento. No domínio das artes, os raios X têm sido utilizados com grande proveito, para o exame do espesso e endurecido pigmento de antigas obras de grandes pintores. Desse modo, os peritos podem muitas vezes distinguir o verdadeiro e o falso, ou o trabalho de um mestre do passado escondido sob as pinceladas espúrias de outra mão. Servem também para identificar as estruturas da antiguidade e desmascarar fraudes. Ainda hoje surgem novas aplicações para os raios X, que, a princípio, ainda mal conhecidos, se tornaram tão perigosos que vários médicos sofreram violentas queimaduras, ou câncer, de que vieram a morrer.

Cientistas norte-americanos, entre os quais o Professor Merrit J. Murray, vêm fazendo experiências de grande importância no campo da Botânica, a fim de obter plantas resistentes, que se reproduzam através de mudas, em vez de sementes, e que sejam resistentes à ferrugem e ao emurchimento, em prolongados períodos de estiagem. Uma das mais recentes aplicações dos raios X tem sido para esterilizar produtos utilizados em hospitais, como luvas plásticas, luvas de borracha, lâminas de metal,

ris e equipamentos de transfusão de sangue. Na Alemanha, físicos do Instituto Federal de Investigações Ictiológicas, de Hamburgo, deram início à «pasteurização do peixe fresco» através da aplicação dos raios X, para a eliminação dos germes que apressam a deterioração do pescado. Foram utilizadas irradiações de 50 a 100 quilorroentgen para eliminar essas bactérias do tecido dérmico dos peixes (138 mil germes por grama de pele). Tal tratamento reduziu tais bactérias a apenas 15 por cento. Os geólogos estão também empenhados na utilização dos raios X como valioso auxiliar das suas pesquisas. Na Inglaterra, foi aperfeiçoada uma sonda electrónica, destinada a acusar a existência de estanho, mas poderá eventualmente localizar também jazidas de ouro, chumbo, zinco e outros metais. Tal sonda, baseada na técnica de espectroscopia fluorescente dos raios X, utilizará um feixe de radiação de alta energia para determinar a composição de vários tipos de minério. A extremidade dessa sonda será tão diminuta que poderá trabalhar em orifícios com apenas cinco centímetros de diâmetro.

Depois da descoberta de Roentgen, que morreu em Munique no ano de 1923, os raios X foram muito aperfeiçoados. Até 1913, os transformadores de alta voltagem usados nos aparelhos não raro fundiam os metais neles utilizados. Mas, em 1913, o Dr. William D. Coolidge, de Schenectady, Estado de Nova Iorque, resolveu essa dificuldade com a fabricação de uma válvula que ficou conhecida pelo nome de — *Coolidge tube*. Era uma peça maciça de tungstênio ou molibdênio, os metais que melhor resistem ao calor. Embora tenha sido a descoberta dos raios X de excepcional importância para a Medicina, os médicos hoje fazem constantes advertências contra a excessiva utilização desse recurso.

Os abusos chegaram a tal ponto que algumas sofisticadas sapatarias norte-americanas chegavam a fazer radiografias dos pés dos seus clientes, para saberem que espécie de calçado melhor lhes conviria. E há dois anos o Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos solicitou aos médicos para reduzirem voluntariamente o número de exames radiológicos a que submetem os consulentes, pois isso poderá ter efeito desastroso, como o de provocar mutações genéticas dentro de algumas gerações. Um folheto distribuído a 300 mil médicos, estudantes de Medicina, radiologistas e veterinários, advertia há pouco que cerca de «dois terços das actuais exposições aos raios X são desnecessárias». Os abusos — decorrentes — não desmerecem, no entanto, a extraordinária contribuição de Wilheem Konrad Roentgen, sobre a qual, no espaço de apenas doze meses, a partir da sua comunicação oficial, foram escritos nada menos de mil artigos e 40 livros, e cujos efeitos se fazem sentir até hoje em todo o mundo.



VENDEM-SE BUNGALOWS

compre e pague em 4 anos



E 'OFERECE-SE O MAIOR COMPLEXO TURÍSTICO PORTUGUÊS!



O complexo turístico de Autodel, situado no litoral de Lisboa, apresenta, para os turistas, de alta categoria, um conjunto de instalações: CENTRO DESPORTIVO — CENTRO COMERCIAL — CENTRO RESIDENCIAL — CENTRO DESPORTIVO — CENTRO COMERCIAL — CENTRO RESIDENCIAL. Este complexo turístico oferece, para os turistas, um conjunto de instalações: CENTRO DESPORTIVO — CENTRO COMERCIAL — CENTRO RESIDENCIAL. Este complexo turístico oferece, para os turistas, um conjunto de instalações: CENTRO DESPORTIVO — CENTRO COMERCIAL — CENTRO RESIDENCIAL. Este complexo turístico oferece, para os turistas, um conjunto de instalações: CENTRO DESPORTIVO — CENTRO COMERCIAL — CENTRO RESIDENCIAL.



22119
AUTODEL



CASA AFRICANA

MERCEARIA, VINHOS E CEREAIS

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO
REPRESENTAÇÕES
ESPECIALIDADE EM MERCEARIA FINA

A. J. Franca, Sucessores, Lda.

ARMAZENS DE MERCEARIA

Rua Direita de Luanda, 13-15-15 A
Rua Pereira Forjaz, 57 e 53

Caixa Postal, 353
Telef. 22299 — Teleg.: RUTRA

LUANDA

SOLAR DOS FADISTAS

RESTAURANTE TÍPICO
Fado em ambiente castiço

*ESMERADO SERVIÇO
DE RESTAURANTE*

Estrada da Conduta (junto aos restau-
rantes "MÃE PRETA" e "ESCONDIDINHO")

A. PIMENTA, LIMITADA

GUIMARÃES — PORTUGAL

FÁBRICAS E ARMAZENS DE LANIFÍCIOS
E FIBRAS ARTIFICIAIS

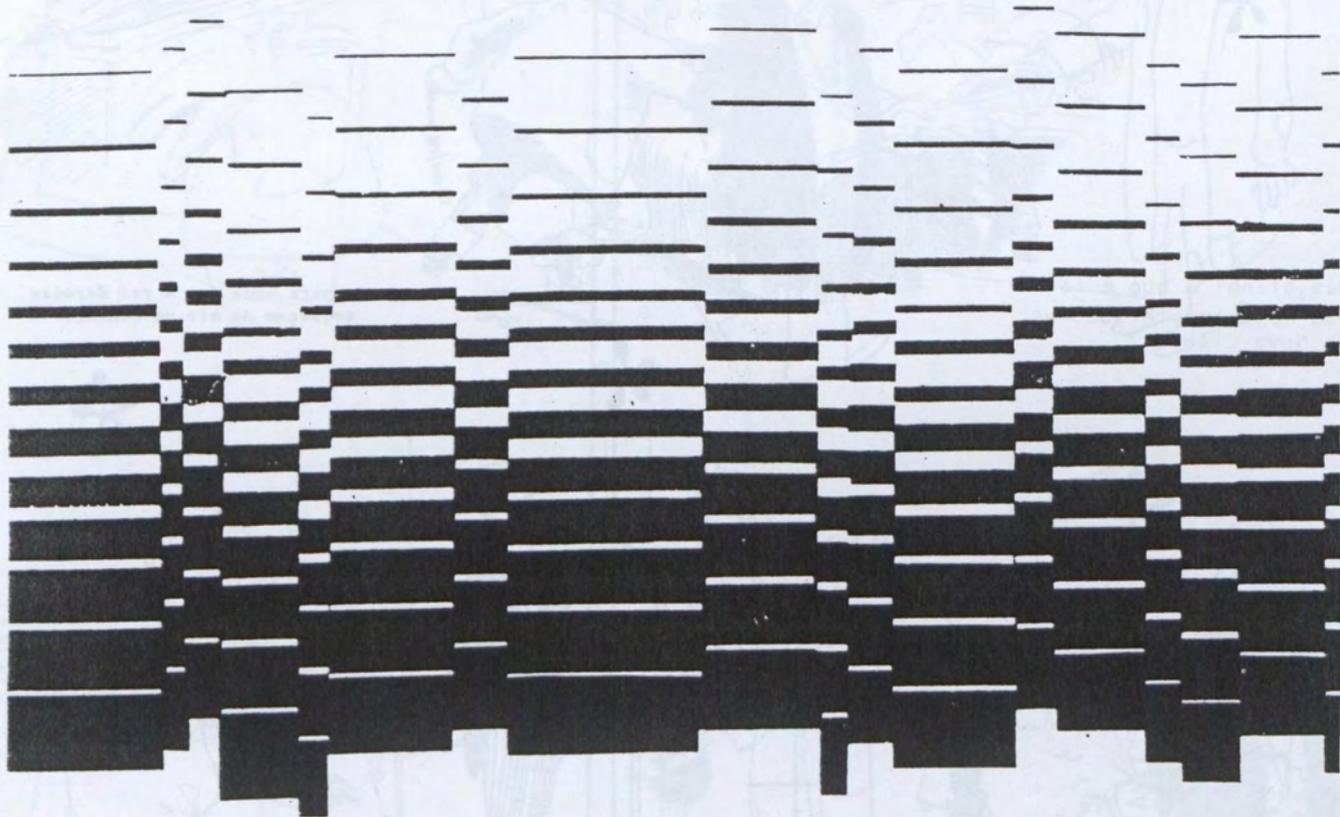
RUA DE PAIO GALVÃO

TELEF. P. P. C. 40181 - 40182 (2 LINHAS)

Apartado n.º 20

Telegramas JOVAZ

O COMANDO não aceita a indignidade



PASSATEMPO



Oh! Não custou nada querida...
Espero apenas que gostes dele!



Mas, afinal o que é isto?
Não me disseste que ias
a Nova Lisboa?

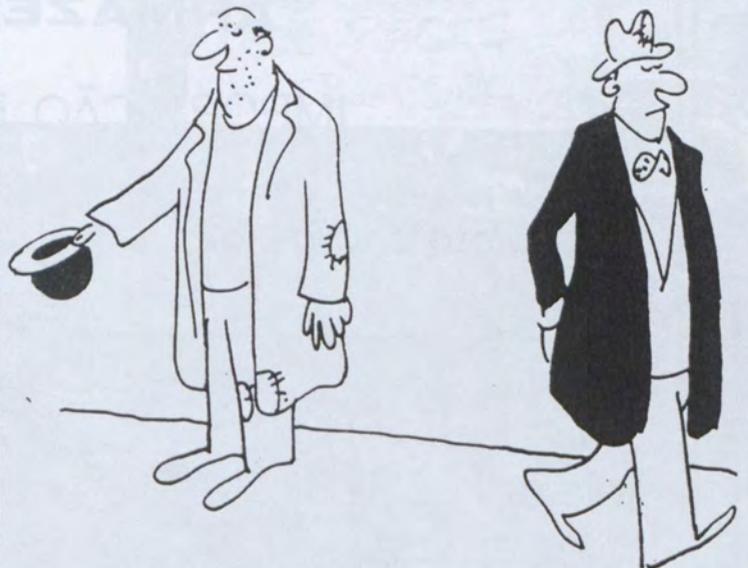
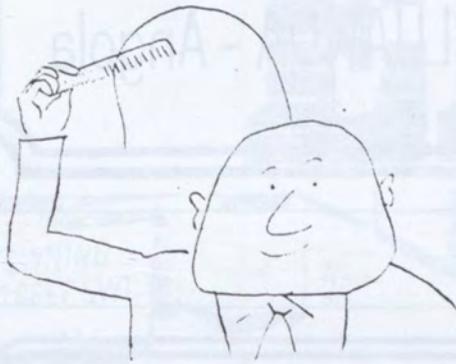
...e para onde foi o rei Herodes? Não se
esqueçam de vir no domingo!



- Um vestido novo? Mas só usaste esse uma vez!



"Um tostão pelos teus pensamentos,
irmão..."





**automóveis de aluguer
sem condutor**

Largo D. Fernando, 1-2 Telefones 22722 3-23312
Caixa Postal, 680 LUANDA - Angola

CATONHO TONHO COMERCIAL, S.A.R.L.

ARMAZENISTAS

IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO

Completo sortido de mercadorias nacionais e estrangeiras

Caixa Postal, 119
Telefone 2 32 34
Telegramas:
CATONHOTONHO

Rua Direita de Luanda, 34-36
LUANDA-ANGOLA

O QUE VAI MUDAR EM 74



A crise na Inglaterra: a longa espera pelos comboios, a carga acumulada, as estações vazias

O que vai mudar em 74? Esta parece ser a preocupação quase obsessiva do mundo industrializado neste começo de ano. É sintomático as primeiras palavras tenham vindo de líderes do Terceiro Mundo. Disse o Xá do Irão, Reza Pahlavi: «Acabou-se a era do petróleo barato, a era da exploração. Com o petróleo barato vocês tiveram a sua abundância a sociedade liberal, na qual tudo era livre — e vocês abusaram dessa liberdade». Em Dacar, o presidente do Senegal, Léopold Senghor, foi ainda mais explícito: «A sociedade de abundância nos países desenvolvidos estará permanentemente enquanto o Terceiro Mundo continuar a ser tratado como um agrupamento de Estados mendicantes». Teria começado a vingança dos povos colonizados e oprimidos, Vingança, pelo menos, é o que teme a consciência culpada do ocidental ao ver os árabes brandirem sobre a sua cabeça a espada do boicote petrolífero. «Não foi a vingança que começou — diz Senghor — a justiça.»

Justiça e injustiça são noções historicamente flexíveis, que têm varado muito, dependendo da perspectiva do observador.

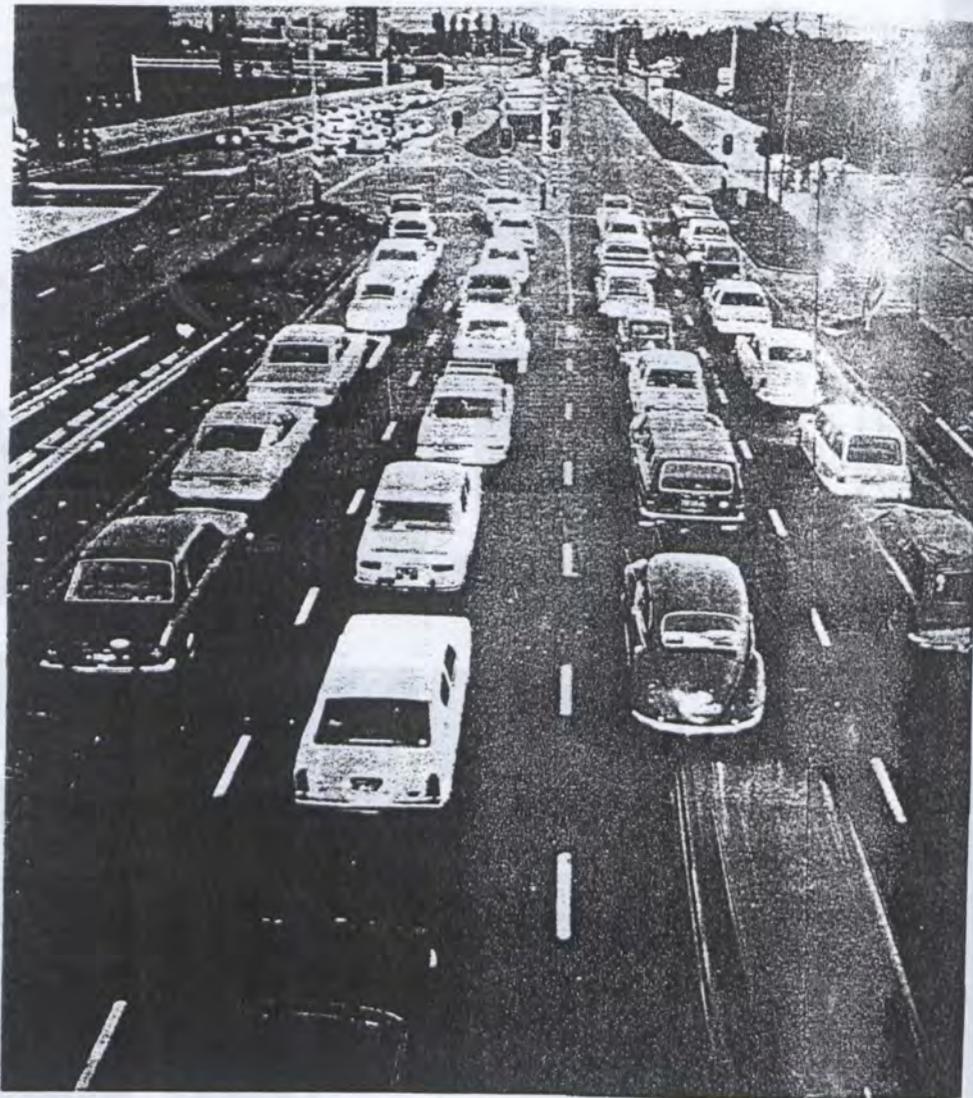
Na Inglaterra, para matar o tempo nas longas horas de lazer forçado, os operários desempregados e grevistas vão caçar raposas — a pé. As velhas carruagens puxadas a cavalo voltaram a circular pelas ruas de Londres e há até quem se consiga divertir com isso — pelo menos por enquanto. Um novo passatempo, inventado na Califórnia, consiste em percorrer na mais completa nudez um trecho determinado de uma cidade sem se deixar apanhar pela polícia. E há muita gente preocupando-se e voltando os olhos para o céu na tentativa de ver um cometa que não vai mudar a vida de ninguém.

São apenas algumas imagens da crise actual e também sinais de que o Ocidente, pelo menos até agora, não está a reagir bem à nova situação.

A crise do petróleo souu a hora da verdade para os países industrializados. E os erros acumulados durante séculos colocam agora o homem diante da necessidade de reformular todo um modo de vida.

Para superar a crise e reconstruir uma nova ordem social não basta a tecnologia. É preciso que o homem pare e reinvente a sua vida.

Alvin Toffler, que já havia antecipado tudo isso no seu livro «O CHOQUE DO FUTURO», analisa o que está



a acontecer: «Diante da necessidade súbita de se adaptar à crise de energia, americanos, europeus e japoneses exibem alguns sintomas clássicos do choque do futuro: extrema perplexidade, uma oscilação terrível entre passividade e reacções exageradas, a procura de bodes expiatórios (judeus, árabes, tido um mundo menos nós mesmos) e uma perfeita paralisia da capacidade de raciocinar a longo prazo.»

É cómodo, para muitos economistas e tecnocratas, apontar o petróleo como a causa única de todos os males actuais. Na verdade, a escassez de combustível não é um dado isolado, mas um dos muitos componentes de uma complexa rede de causas e efeitos que conduziu à crise de agora. Aliás, há muitos anos, aue essa crise se vinha delineando — só não viu quem não quis ver. Basicamente, a humanidade sofre as consequências da sua própria incapacidade de organizar racionalmente as suas necessidades e os seus recursos. As fases passageiras de prosperidade nos últimos 100 anos repousaram sempre sobre um falso equilíbrio. O enriquecimento dos países in-

dustrializados fez-se em detrimento daqueles púdicamente rotulados como países em desenvolvimento. Os imensos capitais acumulados nas últimas décadas, à custa do sacrifício de milhões, foram gastos na fabricação de armas e de toda uma tecnologia voltada para a destruição: bombas, napalm, desfolhantes, tanques, mísseis, submarinos atómicos, etc. Os benefícios que a corrida espacial teria trazido ao homem continuam duvidosos, principalmente quando se pensa no preço que custaram. A sociedade abundante, criando falsas necessidades, entregou-se ao consumo indiscriminado, enquanto a aquisição compulsiva de bens materiais conduzia ao desperdício e à poluição. O modelo do ano (automóveis, electrodomésticos, roupas, etc.) tornou-se ritual obrigatório, imposto subtilmente como necessidade vital a uma massa de indivíduos manipulados pelos grandes mecanismos de lavagem cerebral. Do outro lado da moeda: Vietnã, Biafra, Bangladesh, fome, doença, massacres.

Em 1798, no seu Ensaio Sobre o Princípio da População e Como Ele Afecta a Futura Melhoria da Sociedade,

o inglês Robert Thomas Malthus lançava um alerta: a população aumen'ta mais rapidamente que os recursos alimentares. Malthus teve o azar de nascer no hemisfério errado e por isso mesmo sempre o consideraram um pessimista, o profeta da desgraça.

Mas a explosão demográfica é um facto, ainda mais marcante no nosso século, e o desequilíbrio básico entre necessidades e recursos persiste. Malthus preocupava-se mais com os ali-

mentos porque na sua época a industrialização mal havia começado. Mas a escassez de recursos naturais ameaça hoje a própria base tecnológica em que repousam as sociedades avançadas. Segundo dados recentes, algumas das principais matérias-primas industriais estão ameaçadas de desaparecer, se o consumo continuar a crescer ao ritmo dos últimos anos: o petróleo em 20 anos, o cobre e o chumbo em 21, o zinco em 18 e o estanho em

15 anos. Com a industrialização, todo um estilo de vida terá que mudar nos próximos anos.

Um balanço do que se falou e discutiu neste começo de Janeiro mostra que as perspectivas para 74 não são muito animadoras:

Alta generalizada de preços.

Escassez acentuada de vários produtos e consequente racionamento.

Evolução do processo inflacionário.

Desemprego maciço, principalmen-



O QUE VAI MUDAR EM 74. — A Holanda antes e depois da crise. Aos domingos os carros costumam lotar a estrada que leva a Amsterdã. Agora os peões passeiam despreocupadamente pelo asfalto. Toda a civilização do automóvel foi posta em questão pela crise de combustíveis que pôs a nu a fragilidade das sociedades industriais.

te nas indústrias directamente afectadas pela crise de energia.

Crise generalizada nos transportes, nacionais e internacionais, com graves dificuldades para os meios de locomoção públicos e para o abastecimento.

Oscilações monetárias que poderão conduzir a um eventual caos financeiro.

Aumento da intervenção estatal para o estabelecimento de prioridades.

Ameaça de represálias entre consumidores e produtores, conduzindo a uma verdadeira guerra económica entre países.

Tudo isso agravado — como já estamos observando — por uma onda emocional cujos efeitos psicológicos negativos precipitam e intensificam a crise.

É muito fácil ver o que está acontecer, um aspecto de revanche do Terceiro Mundo sobre os países ricos. O Xá Reza Pahlavi anuncia com orgulho indistigável que «em 12 anos o Irão estará tão industrializado que poderá oferecer petróleo em forma de aspirinas e proteínas em vez do produto bruto. Mas o Irão executará plano de industrialização sem as fraquezas e debilidades evidenciadas nas sociedades ocidentais avançadas». E Léopold Senghor, do Senegal: «O povo judeu e o povo árabe formam, com o povo negro, a trilogia dos povos sofredores. Os judeus foram perseguidos durante dois mil anos, muito menos pelos seus irmãos semitas do que pelos europeus. Os árabes e os negros vêm sendo perseguidos há mais de 300 anos.» Senghor podia ter mencionado igualmente os povos da Ásia. E também na América Latina as coisas começam a mudar. O novo governo da Venezuela já prometeu prioridade, na venda do seu petróleo, para as nações latino-americanas, ainda que para isso seja preciso intervir ou nacionalizar as empresas americanas que exploram as jazidas venezuelanas. E, antecipando-se ao novo governo, o actual presidente, Rafael Caldera, acaba de exigir da Creole Petroleum Corporation, subsidiária da Exxon, a devolução em 30 dias, sem indemnização, das jazidas de Jusepin, aplicando pela primeira vez a lei de reversão do petróleo.

Mas seria ilusório pensar numa rápida ascensão dos povos do Terceiro Mundo. As fabulosas somas acumuladas pelo petróleo concentram-se em apenas alguns países e, dentro destes, nas mãos de uns poucos homens. Embora já exista motivação e alguma solidariedade, ainda não há suficiente organização para que os emires do golfo Pérsico, por exemplo, executem um plano de ajuda às nações menos

do os Cadillacs e Rolls-Royces se vão tornando mais numerosos no deserto do que os próprios camelos, é difícil acreditar que os árabes não venham a cair no consumismo e copiar os erros das sociedades ocidentais avançadas. O fascínio da tecnologia e dos gadgets é irresistível. Há muitos anos, Sukarno da Indonésia já falava nisto: «A indústria de filmes proporcionou uma janela para o mundo, e as nações colonizadas olharam por esta janela e viram as coisas de que tinham sido privadas. Pouca gente se dá conta de que uma geleira possa ser um símbolo revolucionário — para as pessoas que não possuem geleiras. Um operário que possua um carro num país pode representar, em outro país, um símbolo de revolta para pessoas privadas até mesmo das necessidades básicas da vida.» Mas o sonho de uma sociedade abundante para os árabes vai sendo turvado por uma série de dificuldades que resultam da própria crise mundial. Com o desemprego maciço na Europa, por exemplo, Marrocos, Argélia e Tunísia terão que reabsorver milhões de emigrantes que haviam deixado os seus países para ir integrar a mão-de-obra dos países do Mercado Comum.

Falando num tom apocalíptico, o Presidente Nixon disse na semana passada que a crise do petróleo «ameaça desecar forças económicas e políticas capazes de causar danos irreparáveis à prosperidade e estabilidade do mundo.» E Nixon apressa-se a reunir produtores e consumidores para um «diálogo que é a única alternativa contra o perigo de uma séria deterioração das relações internacionais do século». Enquanto isso, um aspecto importante, mas pouco lembrado, da escassez e do encarecimento do petróleo é levantado pela revista *New York*: «Nos Estados Unidos, sete, ou oito, ou no máximo 15 grandes companhias petrolíferas controlam a energia que faz funcionar o país. Estas pessoas são grandemente responsáveis pela crise que enfrentamos. O presidente dos Estados Unidos devia dar um jeito nelas. Será que não existe ninguém suficientemente forte para isso neste mundo hesitante? Onde está o poder, afinal?»

De repente, a crise do petróleo faz mais para que o mundo tomasse consciência do futuro do que o que se disse e escreveu nos últimos 20 anos, alertando contra os perigos do crescimento desordenado e irracional. Alvin Toffler afirma: «Estamos a sentir os primeiros tremores da Revolução Superindustrial, e nesta transição histórica. O nosso problema não é só-

solina por semana, mas começar a pensar em reprojectar toda uma nova ordem social para substituir o industrialismo.» É o que diz Léopold Senghor em tom de crítica: «Afinal não a Europa reacconária, mas a Europa liberal, a Europa socialista e mesmo a Europa comunista acreditaram demais na civilização do consumo, na civilização da matéria. Agora, os europeus começaram a pensar.» Para construir uma nova ordem social, a humanidade deverá enfrentar um desafio tecnológico totalmente diferente. Terá que partir em busca de formas de energia mais económicas, que poluam menos e desgastem menos os recursos naturais. Talvez a própria natureza encerre — não necessariamente na forma de combustíveis fósseis — uma solução mais duradoura. Até há pouco tempo atrás, quem falasse em energia solar era considerado excêntrico, e apenas a NASA a utilizou para fins altamente especializados. A energia nuclear, além dos perigos da radiação, ainda requer aperfeiçoamentos científicos e vultosos investimentos. Será necessária uma abordagem completamente nova e revolucionária, uma abordagem tecnológica, mas não tecnocrática.

Para que as coisas realmente mudem, não basta a tecnologia. É preciso que o homem reexamine a sua própria vida e se reinvente a si mesmo. Um conceito-chave, muito empregado ultimamente, é a *qualidade da vida*. Ele pressupõe o fim de uma era em que os valores foram medidos apenas quantitativamente e as pessoas se entregavam a uma competição feroz visando a acumular bens que na sua maioria, não traziam benefício real. O economista francês Jacques Delors enumera as prioridades desta nova era, orientada por uma busca da *qualidade* e não do consumo: «A produção de bens mais duradouros, que consumam menos energia e matérias raras; um modo de vida que dê ao indivíduo maior disponibilidade em tempo e dinheiro) para as amenidades, para a melhoria das relações humanas, para as actividades culturais e desinteressadas, o que só é possível e suportável numa sociedade menos inigualitária; condições de trabalho que respeitem o tempo do homem, sua saúde física e moral, aumentando sua autonomia e sua margem de responsabilidades; e, também, acima de tudo, a preservação da natureza e da espécie, pensando nas gerações futuras».

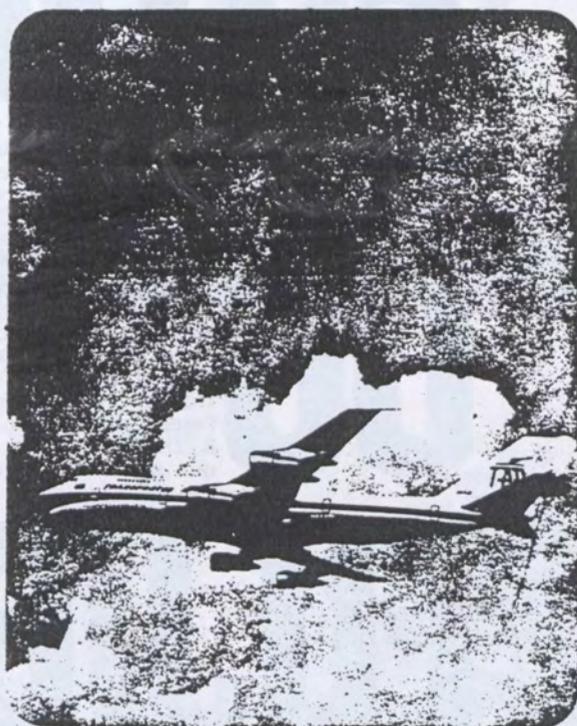
Não vai ser um trabalho fácil e parece que todo o mundo começa a tomar consciência disso. Mas desta vez, pelo menos, parece que o homem

AGÊNCIA DE VIAGENS

CAMPIÃO

Avenida dos Combatentes, 114

Telefone 23048 - LUANDA



COLÉGIO MIRAMAR

DIGNIDADE NO ENSINO

APENAS EM 3 MESES PODE DAR NOVAS POSSIBILIDADES
À SUA VIDA. QUER ESTEJA AINDA NA VIDA MILITAR
OU JÁ A TENHA TERMINADO, VISITE-NOS.

DEPOIS ENTENDERÁ PORQUÊ!

Rua Companhia de Jesus, N.º 20
Bairro Miramar — Telef. 81842

FOTOGRAFIA

OU

As coisas novas precisam de nomes diferentes!
Por isso quando se fotografa a cores com FUJICOLOR, o que se faz é FUJIGRAFAR. Onde está a diferença?

Os filmes FUJICOLOR, fabricados pela mais importante empresa fotográfica do Japão, são actualmente os únicos filmes a cores com sensibilidade 100 ASA que pode adquirir em Angola.

Para si, na prática, 100 ASA significa maior rapidez. Poder reduzir o tempo de exposição e assim aumentar a precisão das imagens, captar com maior nitidez pessoas e objectos em movimento, ou FUJIGRAFAR em lugares demasiado escuros para outras marcas de películas.

Se juntar a esta fundamental vantagem técnica, a qualidade das cores, de uma fidelidade extraordinária do natural, compreenderá por que fazer fotografia com FUJICOLOR nós chamamos FUJIGRAFAR.

E, finalmente, ter melhores fotografias usando o melhor material sensível que a técnica japonesa criou nestes últimos anos.

FUJIGRAFIA ?

Prove-o! Na próxima vez que carregue a sua máquina fotográfica, peça, exija, ao seu vendedor a caixa verde de FUJICOLOR (ou FUJICHROME para diapositivos) com a marca N-100 ou R-100. Não esqueça!

... E não se deixe convencer do contrário (o contrário seria voltar, simplesmente a fazer fotografias correntes).

FUJICOLOR

a côr que seus olhos vêem



Representante exclusivo
para Angola:

colorama

LABORATÓRIOS FOTOGRAFICOS

